

MANIFESTAÇÃO FOLCLÓRICA E CULTURAL DE CAÇAPAVA AS FIGUREIRAS E SEUS PRESÉPIOS

**Adão Alves Brandão, Tatiana Gomes Beltrão, Dra. Prof^a. Maria Aparecida Chaves
Ribeiro PapaliProf^a, Mcs Valéria Regina Zanetti.**

Universidade do Vale do Paraíba/Faculdade de Educação, Rua Tertuliano Delphin Jr., 181 - Jd. Aquarius
São José dos Campos - SP

Universidade do Vale do Paraíba/Faculdade de Educação, Rua Tertuliano Delphin Jr., 181 - Jd. Aquarius
São José dos Campos - SP

Universidade do Vale do Paraíba/Faculdade de Educação, Rua Tertuliano Delphin Jr., 181 - Jd. Aquarius
São José dos Campos - SP

Universidade do Vale do Paraíba/Faculdade de Educação, Rua Tertuliano Delphin Jr., 181 - Jd. Aquarius
São José dos Campos - SP

aabrandao@bol.com.br, thatyhistoria@yahoo.com.br, papali@univap.br

Resumo: O presente trabalho tem por finalidade registrar através de fatos e relatos uma das manifestações culturais presentes na cidade de Caçapava, as figureiras do bairro Tataúba e seus Presépios. O aspecto religioso é muito presente na vida cotidiana do “caboclo” de Caçapava, com as procissões, danças e outros rituais, mas são as figuras do presépio das figureiras do bairro de Tataúba que relatam, de forma simples e artesanal, a simplicidade e a devoção de uma geração.

O trabalho teve como eixo o artesanato realizado pelo grupo de senhoras, para tanto, levantamos o registro em livros, documentos, relato pessoal e a colaboração da professora e historiadora Ana Teresa de Campos Ferraz, através de sua exposição “A Arte que nasce do barro”.

Palavras-chave: Cultura – Religião – Trabalho.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas

Introdução:

A expressão cultural popular abrange objetivos, conhecimentos, valores e celebrações que fazem parte do modo de vida do povo, categoria social complexa e de definição imprecisa.

Muitas das manifestações geralmente associadas à cultura popular são comuns a todos os povos: histórias transmitidas de forma oral (contos de fadas, lendas, mitos), danças, bijuterias e enfeites, músicas de vários tipos e utensílios de cozinha. (PELEGRINI, 1985).

A cultura popular é freqüentemente entendida como folclore ou até como cultura de massa, porque os três são expressões de um processo contínuo de mútuas influências e transformações, no qual chegou a se confundir. Folclore é definido, habitualmente, como a cultura popular transformada em norma pela tradição. Cultura de massa é a cultura produzida pela chamada indústria cultural – setor da produção especializado na comunicação e no entretenimento veiculados por jornais, revistas, programa de rádio, televisão, filmes e livros. (PELEGRINI, 1985).

O artesanato, a literatura popular, as festas religiosas, os folclores, o Carnaval, os rodeios e as vaquejadas, são alguns dos aspectos do que é, em geral, considerado representativo da cultura popular brasileira.

Sabe-se que a atividade artesanal no interior de São Paulo, mais especificamente no Vale do Paraíba tem grande importância local quanto ao valor que identifica uma região de outra. O papel das figureiras ao executar o artesanal, tem como material, primeiro a observação do cotidiano do homem regional. O viver do homem da roça e suas atividades ordinárias e cortejos ligadas à manifestação religiosa – semióforo. Todas as cenas transfiguradas em barro, moldadas por mãos calejadas, cansadas e envolvidas na tinta são relatos culturais daquele homem.

Materiais e Métodos:

Baseando-se no levantamento do material publicado a fim de que estivéssemos em contato com os registros das atividades das figureiras da cidade de Caçapava, tivemos a possibilidade de preparar um roteiro de entrevistas com as mesmas, além de entrevistar a Prof^a Ana Teresa

de Campos Ferraz, historiadora e pesquisadora sobre atividades culturais, como também a visitação em uma exposição, onde se reuniam toda a trajetória das figureiras e seu papel cultural na manifestação religiosa da cidade mais precisamente na época do Natal.

Para subsidiar a discussão foram utilizados trabalhos de estudiosos do assunto como Marilena Chauí (2000/2005), Américo Filho Pelegrini (1985) e Marcos Ayala (1995), Luís da Camara Cascudo (2000), Florestan Fernandes (2004), J. Geraldo M. Guimarães (2001), entre outros.

Discussão:

Nas manifestações culturais as tradições religiosas são de grande significação, representando um conjunto de expressões que refletem os valores e as crenças próprias de uma população e vivenciando ao longo das gerações.

A constituição e a consolidação de técnicas artesanais no Brasil são resultados de transculturações entre índios, negros e brancos ocorridas ao longo de quatro séculos. A partir do século XIX, a imigração européia trouxe para a cultura nacional novos aportes, como dos italianos, alemães, poloneses e pomeranos que, junto aos grandes grupos étnicos de japoneses, sírios e libaneses, incorporaram ao cotidiano um elenco de práticas culturais que se refletiram em inúmeros e diferentes aspectos da cultura material do País. (CHAUÍ, 2000).

No final do século XVIII e na primeira metade do século XIX começou a emergir a noção de autoria entre artistas de grande inventividade, como é o caso, em Minas Gerais, do Aleijadinho (1738 – 1814), gênio do barroco e do pintor Manuel da Costa Athayde, seu contemporâneo (1762 – 1830). Até então, ainda eram fluidos os limites entre artes e artesanatos, como se pode ver pela simultaneidade das funções de pintor e dourador num mestre Athayde, que fazia encarnação de imagens, prateamento e douração da talha, ao lado de belíssimas composições ilusionistas para os grandes forros e painéis parietais das igrejas. (AYALA, 1995).

É extremamente complexa a delimitação da criação cultural das camadas baixas num país de dimensões continentais como o Brasil. *Aqui coexistem os contornos do pré-industrial e do industrial, da cidade e do campo, do religioso e do lúdico, do trabalho e do lazer, do “popular” e do “culto”, das redes de televisão e das cantorias nas feiras do interior. Tudo isso em uma civilização formada pelas mais diversas culturas que, ao longo dos séculos e ainda hoje, se imbricaram fortemente sem perder muitas de suas marcas próprias.* (AYALA, 1995).

Numa das instâncias da produção artesanal estão os artífices pertencentes às comunidades ligadas a economias pré-industriais de caráter

agro-pastoril. Há, porém, uma outra instância onde a criação das artes e artesanatos se alteram segundo a mudança do seu usuário ou comprador.

Estão, nestes casos, as figureiras do Vale do Paraíba Paulista, nas cidades de Caçapava, Taubaté, Pindamonhangaba, São Luís do Paraitinga, Redenção da Serra, Natividade da Serra, São José dos Campos e Cunha, locais onde se identificou um dos maiores núcleos de confecção de presépios de barro no Brasil, em particular na época do Natal. Estes presépios representam uma verdadeira bricolagem social e histórica. Ladeando a Sagrada Família – o Menino Jesus, Maria e José – podem aparecer figuras tradicionais como a de pastores, Reis Magos, anjos e animais domésticos (boi, burro, carneirinhos, galo do céu) e selvagens (raposas, cobras), além de imagens com a de soldados da Guerra do Paraguai e da revolução de 32, Adão e Eva, cangaceiros, jogadores de futebol, caçadores, escravos, meninas jogando bola, lenhadores, músicos, médicos, personagens da congadinha de São Benedito, das companhias de Moçambique e de Reis, Nossa Senhora da Conceição Aparecida e Nossa Senhora de La Salette. Em torno desta profusão de imagens, é como se todo o universo conhecido do artista devesse estar reunido em homenagem ao nascimento de Cristo. Atualmente, a produção dos bonecos de barro dos presépios, não se limita apenas ao ciclo natalino. É exercida durante todo o ano, devido às solicitações do novo mercado urbano. Os artistas também assinam suas criações. (PELEGRINI, 1985).

A obra de artesão, pessoa que trabalha por conta própria em trabalho manual, sozinha ou com assistentes aprendizes, muitas vezes da própria família, utilizam materiais acessíveis como madeira, argila, fios, fibras e sucata. Em quase todo o Brasil, as produções de mini indústrias são vendidas como artesanato, embora, muitas dessas peças tenham deixado de ser artesanais, ainda revelam aspectos da cultura e dos costumes dos povos das regiões onde se encontram. (PELEGRINI, 1985).

Em novembro, ou antes, começa-se a pensar nos presépios. E então que mais se movimentam os artesões populares do Vale do Paraíba, em especial as figureiras de Caçapava, a fim de preparar as “figuras” que serão depois vendidas nas feiras ou expostas no Mercado Municipal, feiras livres, ou lugares de intenso fluxo por parte dos moradores.

As figureiras trabalham o ano inteiro, pois sobrevivem do artesanato, produzindo as “figuras” com mais freqüência entre agosto (folclore) e novembro (Natal), preparando-as para a venda. Os artesões usam pequenos tabuleiros, barracas, caixotes, ou ainda, uma simples folha de jornal colocada no chão, onde expõem sua mercadoria.

“Figureiros” são os artesãos (homens, mulheres, crianças e idosos) que confeccionam peças destinadas à montagem do presépio, utilizando essencialmente barro (mas também pedaços de bambu, algodão, papelão, madeira, arame e outros materiais), não costumam “queimar” as peças, que são frágeis, de barro cru.(PELEGRINI, 1985).

No trabalho de modelagem manual, para dar forma ao barro – além da prática adquirida empiricamente – usam apenas, à guisa de instrumentos, alguns recursos como grampos de cabelos, faca, um pequeno pedaço de taquara para pintar, uma pena de galinha, uma pequena tocha de algodão, ou mesmo pincel. Não é costume das “figureiras” identificar (assinar) suas peças.

As figuras que não podem faltar nos presépios, evidentemente, também são modeladas, com carinho e dedicação nos detalhes: a sagrada Família (chamada de santinhos), o burrico, o galo, a vaquinha, os Reis Magos, o pastor, o carneiro o anjo e a raposa. São feitas ainda, com a ajuda de seus familiares, as “lapinhas” – cabanas de sapê ou armação de madeira enfeitada de papel crepom e/ou flores de papel, nas quais se colocam Nossa Senhora, o Menino Jesus, a vaca, o burrinho, algumas outras figuras importantes e, no alto, a “estrela de rabo”.

Na simplicidade dessas pequenas figuras “de presépio estão o verdadeiro espírito de Natal, hoje tão diluído nos brilhos, no luxo e no consumismo dos Shoppings Centers”.

Conclusão:

A cultura popular no seu contexto implica em dois caminhos complementares de análise. O primeiro diz respeito à inserção num contexto mais amplo: a sociedade capitalista, onde os dominados e explorados sofrem a pobreza (desigualdade) inclusive cultural e política. Além desta desigualdade dando efeito sobre a cultura popular, temos que fazer com que o povo elabora no trabalho e na vida forma cultural específica no seu contexto, além disso, compartilha nas condições gerais do sistema em que vive, criando assim suas próprias estruturas. Portanto, as classes dominadas expressam as condições de existência e os pontos de vista de sua realidade ao mesmo tempo em que internaliza os interesses da classe dominante. (CHAUÍ, 2000).

Os mecanismos de repressão são insuficientes para a manutenção do poder, daí a necessidade de se impor à ideologia da classe dominante do povo, fazendo com que essas idéias parecem ser de toda a sociedade. Devido a isso, as manifestações populares são contraditórias, pois carregam em sua expressão concepções de

o mundo responsáveis em reproduzir a dominação e, ao mesmo tempo, a contestação da exploração social pela consciência da desigualdade. Portanto, *o folclore apenas por sua existência, contesta a hegemonia da cultura oficial, pois nega a sua pretensão de universalidade (globalidade?), onde a manutenção da dominação exige que os interesses da classe dominante sejam apresentados como comum a todos e as únicas idéias racionais e de vigências absoluta.*(FERNANDES, 2004).

Temos na indústria cultural o objetivo de difundir nas classes dominantes os padrões cognitivos, estéticos e éticos de interesse da classe dominante. Porém, esse processo não ocorre de modo completo, pois esbarra na própria condição de desigualdade o que impede o consumo dos produtos da indústria cultural, tanto financeira quanto culturalmente o que acaba contribuindo para a sua re-elaboração permanente. (DURHAM, 2004).

A classe dominante busca, na dinâmica da cultura popular, homogeneizar a cultura com o objetivo de controlar, adaptar-se e integrar a classe dominante à partir de sua própria elaboração cultural, sendo que a própria cultura popular não é homogênea, mas ambíguo e contraditório fruto da dominação e da consciência dessa dominação cultural. (DURHAM, 2004).

Existem alguns objetos, animais, acontecimentos, pessoas e instituições que podem designar com o termo *semióforo* – *um semióforo é um signo trazido à frente ou empunhado para indicar algo que significa alguma outra coisa e cujo valor não é medido por sua materialidade e sim por sua força simbólica (...)* um semióforo é *fecundo porque dele não cessam de brotar efeitos de significação.* (CHAUÍ, 2005).

Embora um semióforo seja algo retirado do circuito da utilidade e esteja encarregado de simbolizar o invisível espacial ou temporal e de celebrar a unidade de indivisa dos que compartilham uma crença comum ou um passado comum, ele é também posse e propriedade daqueles que detêm o poder para produzir e conservar um sistema de crenças (...) que lhes permite dominar um meio social. (CHAUÍ, 2005).

Esse tipo de artesanato, criados em épocas específicas e produzidos para o consumo que caracteriza tal definição, contudo, *mesmo se tornando meio de sobrevivência, e recurso artístico, as “figuras” são um modo de dominação da elite, perpetuando a desigualdade e o poder capitalista.* (FERNANDES, 2004).

Em contrapartida, as “figureiras” de Caçapava, são importantes por conter tradição e a busca da identidade, importante para o povo, e para a cidade, embora este artesanato rico em simplicidade e crença não seja reconhecido pela população local, muito menos pelas autoridades

competentes, não ocorrendo o devido reconhecimento a essas pessoas humildes, que implicitamente narram a história em forma de barro.

Referências

- [1] AYALA, Marcos; IGNEZ, Maria; AYALA, Novais, **Cultura Popular do Brasil**, São Paulo: Ed. Ática, 1995.
- [2] CASCUDO, Luís da Câmara, **Dicionário do Folclore Brasileiro**, São Paulo: Ed. Global, 2000.
- [3] CHAÚÍ, Marilena, **Brasil: Mito Fundador e Sociedade Autoritária**, São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2000.
- [4] CHAÚÍ, Marilena, **Cultura e Democracia – O Discurso Competente e Outras Falas**, São Paulo: Ed. Cortez, 2005.
- [5] DURHAM, Eunice Ribeiro, **A Dinâmica da Cultura**, São Paulo: Ed. Cosac & Naity, 2004.
- [6] FERNANDES, Florestan, **Folclore e Mudança Social na Cidade de São Paulo**, São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2004.
- [7] GUIMARÃES, J. Geraldo M., **Repensando o Folclore**, São Paulo: Ed. Manole, 2001.
- [8] PELEGRINI, Américo, **Folclore Paulista: Documentário e Calendário**, São Paulo: Ed. Cortez, 1985.